

Beatriz Souza Silva

fazendo
o afeto como fundamento no ensino da arte-têxtil
saberes



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"Júlio de Mesquita Filho"
Instituto de Artes - Campus de São Paulo

Beatriz Souza Silva

**Tecendo Saberes:
o afeto como fundamento
no ensino da arte-têxtil**

São Paulo - SP
2025



Beatriz Souza Silva

**Tecendo Saberes:
o afeto como fundamento
no ensino da arte-têxtil**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Instituto de Artes,
São Paulo, para obtenção do título de
Licenciada em Artes Visuais, sob
orientação de Prof.º Dr. Pelópidas
Cypriano de Oliveira.

São Paulo - SP
2025



Beatriz Souza Silva

**Tecendo Saberes:
o afeto como fundamento
no ensino da arte-têxtil**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Estadual
Paulista (UNESP), Instituto de Artes,
São Paulo, para obtenção do título de
Licenciada em Artes Visuais, sob
orientação de Prof.º Dr. Pelópidas
Cypriano de Oliveira.

Defesa realizada em: 28/11/2025.
Banca Examinadora:

Prof.º Dr. Pelópidas Cypriano de Oliveira

Prof.^a Ma. Anna Christina Madrid

Ficha catalográfica desenvolvida pela Diretoria Técnica de Biblioteca e
Documentação do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S586t Silva, Beatriz Souza, 1998-

Tecendo saberes : o afeto como fundamento no ensino da arte-têxtil /
Beatriz Souza Silva. – São Paulo, 2025.
71 f. : il. color.

Orientador: Prof. Dr. Pelopidas Cypriano de Oliveira
Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo.

1. Arte - Estudo e ensino. 2. Educação não-formal. 3. Trabalhos
manuais. 4. Narrativas pessoais. I. Oliveira, Pelópidas Cypriano de. II.
Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Artes, São Paulo. III.
Título.

CDD 707

Bibliotecária responsável: Fabiana Colares - CRB/8 7779



Dedico este trabalho às minhas queridas Marias, que me ensinaram e me ensinam todos os dias a tecer uma vida mais colorida.

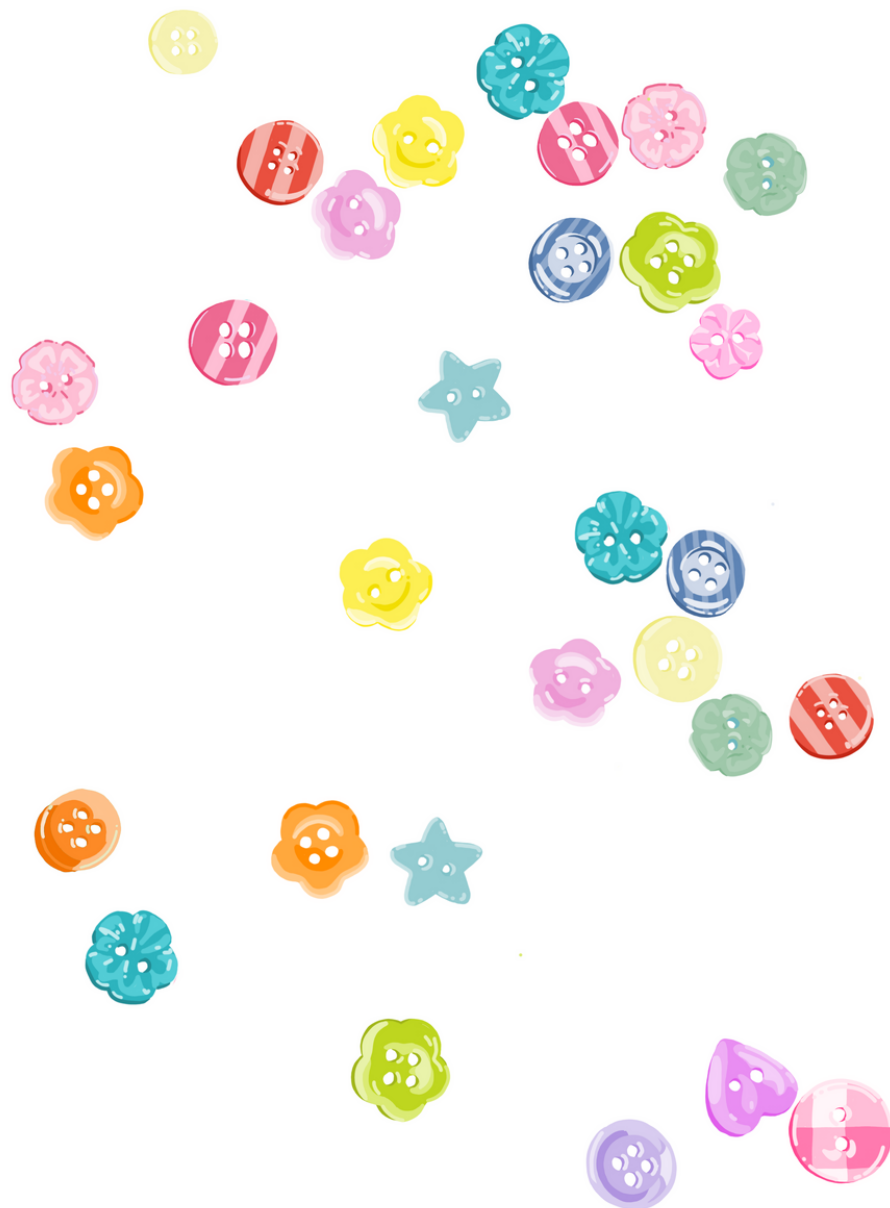
AGRADECIMENTOS

Agradeço, em um primeiro momento, ao meu orientador Pelópidas, por acreditar fortemente na realização deste trabalho. Agradeço também à Anna, por aceitar fazer parte desse trabalho como banca e por ter se tornado uma referência pessoal para os meus estudos.

Agradeço à minha mãe, dona Maria Emília, que me ensinou meus primeiros pontos e me permitiu amar esse universo das linhas. Agradeço também a todas as demais pessoas que fizeram parte do meu processo de formação — até aqui — enquanto artista-têxtil: Francisca, Maria José, Adelina, Cida, Benedita, Tereza, Angela, Romilda, Marisete, Fátima, Yasmin, Danilo, Bárbara, Maria Eduarda, Mel, Rose, Marli.

Agradeço aos meus amigos que me acompanharam nesse longo percurso que é a universidade, em especial aos que mesmo distantes se prontificaram em me ajudar: Jéssica, Naiara, Tainá, Matheus e João.

Agradeço, por fim, aos moradores do apartamento 1004, Ana, Amanda e o felino Don Frederico, que contrariando Criolo, me mostraram que existe amor em SP





*Um galo sozinho não tece uma manhã:
ele precisará sempre de outros galos.
De um que apanhe esse grito que ele
e o lance a outro; de um outro galo
que apanhe o grito de um galo antes
e o lance a outro; e de outros galos
que com muitos outros galos se cruzem
os fios de sol de seus gritos de galo,
para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.*

João Cabral de Melo Neto

RESUMO

O presente Trabalho de Conclusão de Curso tem como objetivo abordar a presença da educação oral e coletiva como veículos para a produção têxtil. Percebendo diferentes formas de ensino dentro de ambientes familiares, de ensino não-formal, cursos técnicos e profissionalizantes a partir de relatos pessoais e sondagens realizadas durante o processo de produção desse trabalho. Desta forma, este trabalho visa evidenciar a importância das tradições familiares, da memória social e do afeto que está intrínseco ao processo do fazer manual.

Palavras-chave: *arte - estudo e ensino; educação não-formal; trabalhos manuais; narrativas pessoais.*





ABSTRACT

This undergraduate thesis aims to address the presence of oral and collective education as primary means for textile production. It analyzes different teaching methods within family environments, non-formal education, and technical and vocational courses, based on personal accounts and inquiries carried out during the development of this study. Thus, this work seeks to highlight the importance of family traditions, social memory, and the affection intrinsic to the handcrafting process.

Keywords: *art - study and teaching; non-formal education; handicrafts; personal narratives.*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

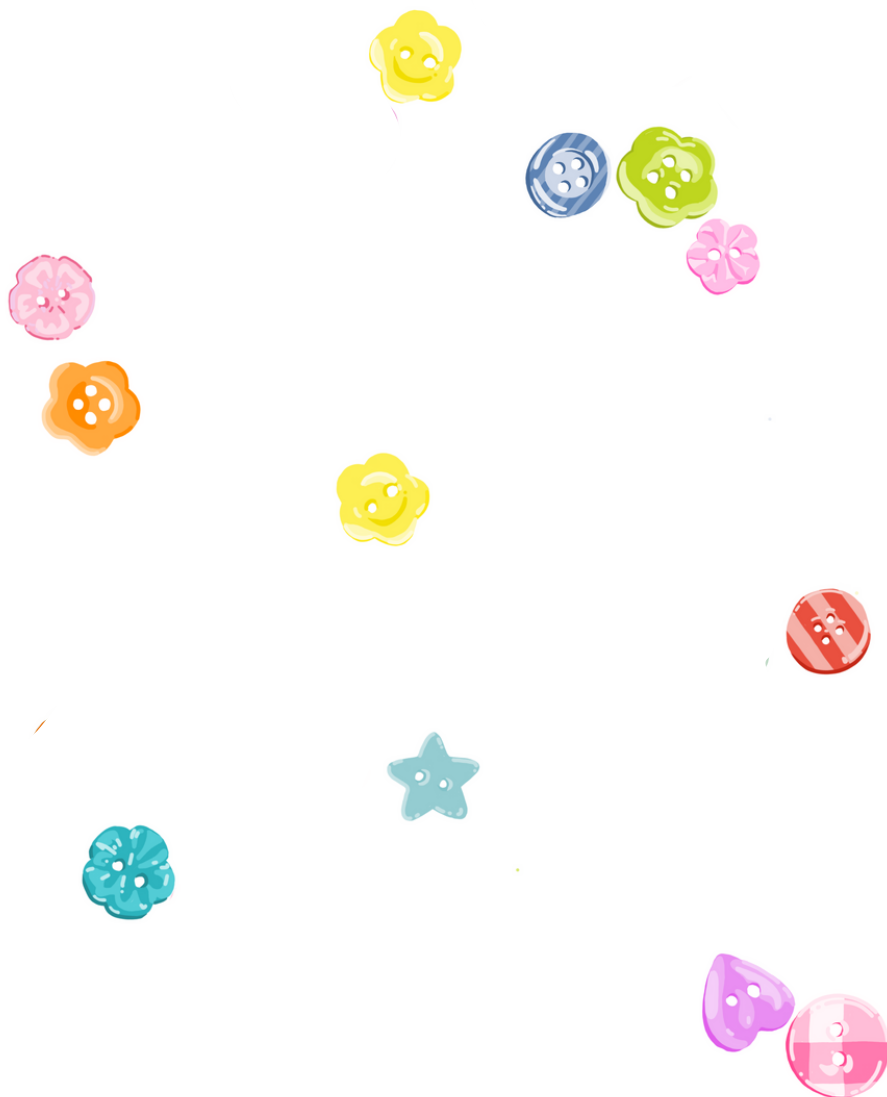
FIGURA 1: Cestinha da Ana.....18

FIGURA 2: Minha Lata de Costura.....22

FIGURA 3: Lata de Costura - Mãe.....34

FIGURA 4: Fita Métrica.....56

FIGURA 5: Tecelagem Parayba.....60





SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	19
2 ENTRELAÇOS.....	23
3 TECITURAS.....	35
3.1 EDUCAÇÃO ORAL	39
3.2 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL.....	44
3.3 EDUCAÇÃO TÉCNICA	48
3.4 EDUCAÇÃO FORMAL.....	52
4 ARREMATES.....	57
(Conclusão)	
REFERÊNCIAS.....	61
ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES.....	64

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho busca investigar os métodos de ensino relacionados ao fazer têxtil, principalmente no que diz respeito à educação oral, informal e familiar. De modo a perceber as afetividades que atravessam este processo de formação do artista e artesão, seja por meio de aprendizados transpassados de uma geração para outra, ou então instruções que ocorreram de forma lúdica, em momentos de lazer e prosa, até mesmo experiências que relacionam a amizades, amores e demais pessoas bem quistas. A intenção por trás dessa pesquisa é entender justamente como estes atravessamentos implicam no modo de fazer, entender e viver a arte-têxtil.

A realização da presente pesquisa decorreu do meu interesse pessoal, enquanto artista-têxtil, de entender quais foram os meus próprios processos formativos que me fizeram ter interesse nesse ramo que é tão amplo, mas tão pouco valorizado. De modo que, no segundo capítulo trago a contextualização sobre o meu processo de formação, percorrendo sobre as minhas memórias – desde a infância, até o presente momento – e relacionando o meu interesse pelo fazer manual ao afeto que está intrínseco no processo formativo, seja por parte



Figura 1

dos meus familiares, amigos ou educadores. Assim, elucidando as razões que provocaram o surgimento dessa pesquisa.

Ao longo do terceiro e último capítulo, busco exemplificar formas de educação convencionais a esse âmbito da formação da arte-têxtil. São estas: a educação oral, educação não-formal, educação técnica e educação formal. Relacionando esses processos a relatos pessoais e traçando paralelos com autores que dialogam sobre o tema, evidenciando a importância do vínculo entre a arte-têxtil e o afeto na formação enquanto artista ou artesão.

2 ENTRELAÇOS



Figura 2

Quando penso sobre arte-têxtil, inúmeras questões me vêm à mente: o que é, como é feita, quem a faz, como é vista, quem a consome etc. Mas o que realmente me intriga sobre esse tema é como a arte-têxtil entra no cotidiano das pessoas — todos nós nos vestimos, todos nós nos apresentamos de alguma forma, todos nós fazemos uso todos os dias de camadas e mais camadas de tecidos que foram pensadas, planejadas, estruturadas, cortadas e costuradas por inúmeras mãos até parar em nossos corpos. Esse arranjo de onde vem e todas as partes do processo que envolvem o simples ato de vestir, representam justamente essa enorme teia de pessoas; o que afinal traduz o que é a arte-têxtil: um coletivo trabalhando e transpassando não só aquilo que é material, mas também conhecimento e cultura.

É curioso pensar até mesmo no sentido contrário, em que podemos descrever *o que é a coletividade* através de uma metáfora com uma das formas de produção têxtil: o ato inicial de tecer as tramas justapostas, faz o papel dessas relações de entrelaçamento e traduz justamente o que forma um coletivo. Aquilo que na prática têxtil produz padronagens e metragens de tecidos, nas relações sociais criam sentidos, histórias, comunidades e afetos.

Configura-se assim, um ciclo entre têxtil e coletivo, onde ambas partes são intrínsecas uma à outra. De uma forma mais poética, João Cabral de Melo Neto elucida essas relações ao escrever que “Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos”¹. E apesar de suas palavras não falarem necessariamente sobre humanos, essa potência de fazer nascer uma manhã apenas em conjunto, também diz muito sobre humanidade.

•

Acredito que essa minha forma de ler, pensar e fazer arte-têxtil como um coletivo só é assim hoje porque foi dessa forma que eu fui ensinada. Aprendi meus primeiros pontos através das pessoas que eu mais amo, sentada no fundo do quintal da minha avó, cercada pelas mulheres da minha família, em meio a puxões de orelha, brincadeiras, cafés, gargalhadas e muitas histórias boas, aprendi não só os porquês por trás das técnicas mais variadas de costurar, bordar, crocheter, tricotar... Mas também aprendi sobre a história de vida de fulana, que ensinou aquilo pra ciclana, e depois para beltrana, e que após ensinar, acabou contando a maior barbárie já dita naquele lugar. Em diálogo com o

¹ MELO NETO, João Cabral de. *A educação pela pedra*. Edição do Autor, 1966.

tassunto, a professora Carla Luiza de Abreu até mesmo diz que “O que torna as peças têxteis fortes, duráveis e sensíveis são as possibilidades de partilha, os convites para a prosa, os compartilhamentos de pontos.”² Ou seja, não se trata somente do material, da técnica, da produção final ou dos aprendizados por si só, mas tudo aquilo que está enraizado a esse conhecimento – as tradições familiares, as histórias de vida, as relações de afeto e principalmente as pessoas envolvidas no processo:

Aquelas pessoas que me ensinaram o que eu sei;
Aquelas que ensinaram as pessoas que me ensinam;
E as pessoas que agora eu posso ensinar.

² ABREU, Carla Luiza de [2020] apud BORRE, Luciana. *Bordando afetos na formação docente*. Conceição da Feira: Andarilha, 2020. p. 27.

Me lembro com clareza da primeira vez que alguém me ensinou a fazer algo a partir das linhas — foi aos cinco anos, quando minha mãe me apresentou a técnica do macramê³. Ela me mostrou que os nós contínuos formavam padrões, criavam laços, uniam miçangas e que assim tomavam a forma de pulseiras, colares, pingentes e tudo mais que a minha imaginação deixasse ser. Em meio a fios, penduricalhos e pedrinhas coloridas, minha mãe usava como apoio uma prancheta antiga, que era a mesma prancheta que sempre a acompanhava nos bingos das quermesses. Ela tinha gravado no verso o nome de seus companheiros antigos de trabalho, alguns rabiscos, mensagens de carinho deixadas para ela e algumas contas feitas ao longo dos anos — memórias dos vários lugares por onde ela passou. Lembro dela me dizendo que eu nem sequer sonhava em nascer quando aquela prancheta foi comprada, e mais importante ainda: lembro também de cada história que ela me contou no momento em que me

³ “O macramê é classificado como arte decorativa manual desenvolvido como técnica de tecelagem a partir da união de fios explorando diferentes tipos de nós. Sua origem vem da Turquia no século XVIII d.C., seu nome Macramé (Migramach) possui significados de ‘tecido com franjas, franjas ornamentais e galão decorativo’, cuja nomenclatura se deu, provavelmente, pelos tecelões turcos que realizavam trabalhos explorando franjas em barrados de toalhas.” DA SILVA, Priscila; DOS SANTOS PORTELA, Pablo Luís. Macramê: arte decorativa que empreende sentimentos. *Anais do Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade*, v. 1, n. 1, 2021.

debrucei sobre o apoio da prancheta para que ela me ensinasse a criar as minhas primeiras tramas. O curioso é que pouco me lembro de fato como eu aprendi a tecer, não lembro nem de como eram os meus primeiros trabalhos, mas guardo com carinho as memórias que viviam naquele simples objeto, memórias que nem são minhas, mas que me são tão caras, que as vezes acredito que são sim, minhas também.

E acredito que guardo essas memórias com carinho porque elas fazem parte do meu processo formativo, mas além disso, elas também fazem parte do processo formativo dessa pessoa que me ensinou – e aqui me refiro à minha mãe, mas quero ainda poder falar das demais pessoas que me ensinaram nos anos que se seguiram. Pessoas essas que aprenderam também com alguém, ou alguéns, e que criaram um emaranhado de memórias, histórias e saberes que — ainda bem — chegaram até mim. E cabe lembrar mais uma vez do ciclo que envolve esse processo formativo, de modo contrário, que esses saberes todos só chegaram até mim por contas dessas tramações, Luciana Borre diz inclusive que:

[...] ações têxteis em grupo oportunizam a exposição pessoal de angústias, medos, inquietações e reivindicações. Há algo de intimidade com as linhas e técnicas com as agulhas, muito ligada à ancestralidade, à espiritualidade e a superação de momentos ruins. Geralmente, o resgate de memórias das infâncias são utilizados para ressignificar algo do presente. Muitas vezes, o bordado, o tricô, o crochê recuperam a palavra, tornando-se envolventes e afetivos. Fica evidente um tipo de conhecimento de outra ordem, um conhecimento sobre si em relação ao outro, que liga o afetivo às memórias do corpo. A repetição e o tempo empreendido na feitura de uma peça junto à confiança empreendida no processo de compartilhamento de relatos no grupo compõem um ritual repleto de valores simbólicos e curativos.⁴

E eu tive a sorte grande de vir ao mundo justamente numa família de vários artesãos que tanto puderam e podem me ensinar e partilhar dessas palavras. Meus aprendizados surgiram em meio a conversas ao pôr do sol, cafés da manhã cabulando aula, finais de semanas de visitas e muitas celebrações. Já os aprendizados dos meus entes, que me transpassam hoje seus saberes, vieram de todos os lugares que podem ser imaginados, dentro de casa, escola, cursos técnicos, conventos, ambientes de trabalho, indústrias etc. Existem histórias que eu sei, e outras que nem sequer consigo imaginar. Aqui cabem apenas curtos relatos de como os afetos cotidianos implicam nesses meus aprendizados, de modo que se agora eu sei algo é porque um dia alguém

⁴ BORRE, Luciana. *Práticas e narrativas têxteis contemporâneas. Tramações: a memória e o têxtil*. Recife: Editora UFPE, 2021. p. 30.

parou pra me ensinar. Existe um provérbio Yorubá que fala “Se posso colocar-me de pé é porque minhas costas estão apoiadas em minhas ancestrais.”

Um exemplo, é que tudo que eu aprendi sobre crochê foi minha tia Francisca que me ensinou. Em meio ao tédio da pandemia da Covid-19, na garagem de casa, ansiando por notícias melhores, ela me ensinou a tecer as primeiras correntinhas. Elas eram péssimas. Porém, esperançosamente ela se sentava ao meu lado durante os fins de tarde para me mostrar jeitos melhores de fazer aquele ponto, de segurar a agulha, de enrolar a linha. Ali em meio às minhas inúmeras tentativas, nós falávamos sobre o clima — já não era mais verão, mas fazia ainda muito calor; falamos da minha infância — ela sempre dizia que adorava me ver crescer; falávamos das flores no jardim e das lagartas que estavam comendo as flores no jardim. Com paciência, no decorrer dos dias que ficamos em casa, ela me ensinou também a subir os pontos na correntinha, me explicou a diferença de cada um deles uma vez, duas vezes, três vezes... Me ensinou a ler as suas antigas revistas de crochê — daquelas cheias de gráficos que parecem ser de outra língua —, mas me disse que não preciso me guiar por elas sempre, que se eu quiser posso fazer do coração. Ela tentou me ensinar a contar os pontos de uma peça, mas confesso que nem eu, nem ela, somos muito boas nisso

e nos embolamos sempre. Ela diz que isso acontece por ela ser canhota, que não é muito boa pra ensinar nenhum destro porque “*Os destros pensam do lado contrário*”, e assim nossas discussões sobre canhotices vagavam as noites. Em meio aquele ano de conversas, em meio aos momentos de comunhão, de aprendizados, de frustrações e de sucessos, o tempo passou. Passou tão ligeiro que demoramos a perceber as estações mudando e as lagartas se transformando em borboletas.

Ali:

Escutei sonhos que eram os meus, compartilhei expectativas, fracassos, acertos e sentimentos de indignação. Os nossos relatos não eram somente exemplos, mas, histórias de aprender.⁵

Ainda hoje, aos fins de tarde de um mundo pós pandêmico, sempre que possível me sento para tomar café com tia Francisca naquele mesmo lugar que há poucos anos atrás ela tanto me ensinou. Ali em frente a roseira de casa, ela me mostra os trabalhos mais recentes que tem feito para seus novos netinhos — sapatinhos, roupinhas de bebês, lacinhos de cabelo, bainhas de paninhos — e pergunta o que eu estou achando, o que na verdade me intriga: *eu posso dar opinião sobre algo que ela mesmo me ensinou?* e a

⁵ BORRE, Luciana. *Bordando afetos na formação docente*. Conceição da Feira: Andarilha, 2020. p. 53.

resposta é sempre sim. Ela confia tão profundamente no que eu aprendi que agora quem pode ensiná-la sou eu. Nós juntas nos ensinamos, nos orientamos, nos tramamos.

Processos ancestrais de criação com linhas, agulhas e tecidos sobrevivem ao tempo, evocam memórias, ecoam visualidades e transbordam para o outro.⁶

Outra pessoa que transbordou minha forma de aprender e que precisa ser mencionada aqui é minha avó, dona Maria José. Há mais de cinquenta anos atrás em São Bento do Sapucaí ela cuidava de seus sete filhos, cuidava da fazenda e vivia da costura e do bordado de vestidos de noiva. Eu nunca nem cheguei a ver um desses de perto, eles moram apenas no meu imaginário — e ainda bem, já que isso implica ao fato de que eles ganharam rumos a alteres vestindo clientes por aí. No entanto, minhas tias sempre contam que eles eram peças sem igual, mesmo sendo muito singelos comparados aos de hoje em dia, porque eram feitos com “um capricho que só”. Levavam em sua construção camadas de tecidos, caudas, grinaldas e véus feitos em um trabalho de muito esmero, cuidado e carinho. Tinham quase sempre pequenos bordados de rosetas arabescos

⁶ BORRE, Luciana. *Práticas e narrativas têxteis contemporâneas. Tramações: a memória e o têxtil*. Recife: Editora UFPE, 2021. p. 28.

minuciosos, palavras de bons votos e o nome das solteiras em sua bainha. Dona Maria sempre foi muito hábil com os gestos, com os detalhes, fazia aquele tipo de bordado em que o verso espelha a frente ao ponto de demorar a entender o lado certo, escondia o fim das meadas para ninguém encontrar.

E pensando nisso hoje, me soa até irônico, porque a imagem que eu tenho da minha avó não é das pessoas mais cheias de graça. Mesmo que tenha sido ela quem me ensinou a alinhar, casear, costurar e bordar, também foi ela quem me ensinou a falar meus primeiros palavrões e o jeito certo de revidar em uma briga — ela queria poder me ensinar a ser forte, me ensinar a ver além dessa trama de que uma mulher é apenas um frágil camafeu. Acredito que toda essa braveza, mascarada em cuidado, tenha sido por conta de uma vida tão dura, tão cheia de trabalho, tão cheia de problemas, tão cheia de anos. E entendo que ela só estava me preparando para encarar o mundo. Como disse Ida Mara Freire, ela viveu “Uma filosofia tecida no trabalho doméstico, no cuidado ao outro, na experiência de vida e no sofrimento diante da morte”.⁷

⁷ FREIRE, Ida Mara. Tecelãs da existência. *Revista Estudos Feministas*, v. 22, n. 02, 2014. p. 573.

Escrevendo esse texto minha avó completou sua passagem neste plano. Aos 99 anos ela deixou de herança para este mundo seus sete filhos, onze netos, quinze bisnetos e todos os saberes que pode aprender e transpassar no decorrer de sua longa vida.

[...] O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.⁸

⁸ VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *História geral da África*, 2010. p. 167.

3 TECITURAS

Há palavras que são difíceis de se explicar, daquele tipo que uma só linha no dicionário não basta para explicar o seu sentido. Apesar disso, estas palavras soam exatamente como o que ela quer dizer, como o que precisa ser dito ali. O seu significado diz respeito a tudo aquilo que a envolve, e realmente inúmeras outras palavras precisam ser colocadas em ordem para tentar explicar o que ela é – e ainda assim nenhuma delas faz jus tão bem ao que ela é, quanto ela mesma. Tecitura é uma dessas:

Na língua portuguesa há duas palavras homófonas, ou seja, elas possuem a mesma fonética, porém a grafia e o significado são diferentes. Elas possuem o mesmo som quando falamos, mas a escrita e a significação apresentam diferenças. Há o vocábulo “tessitura”, que significa a “disposições das notas musicais, para se acomodarem a certa voz ou a certo instrumento” ou “o conjunto de notas musicais mais frequentes numa peça musical, constituindo a extensão média na qual ela está escrita”. E há o termo “tecitura”, bem menos conhecido e raramente utilizado. Ela vem do conhecido verbo tecer, nasce, portanto, no contexto da tecelagem, brota da complexa técnica e da arte dos tecelões. Significa, em sua literalidade, o “conjunto de fios que se cruzam com a urdidura”, ou seja, “a reunião dos fios que se atravessam no tear” para compor o tecido. A especificidade dos fios utilizados na trama e a disposição do alinhamento na urdidura do tear definem o tipo e a qualidade do tecido resultante.⁹

⁹ LOPES, Alcides Junio Silva et al. *Tecituras*. Editora Letramento, 2022.



Figura 3

A tecitura, por fim, é a construção do objeto que está sendo tecido, mas não somente isso. Ela é também o ato, a intenção por trás do gesto de tecer, a resultante do planejamento, das horas destinadas ao trabalho e é a junção de cada uma de suas inúmeras tramas – físicas e metafóricas – que criam seu formato, seu enredo, sua trama.

No presente trabalho, a tecitura une a contextualização das práticas de ensino da arte-têxtil com as narrativas que surgiram ao longo do processo de sondagem. Costurando as informações coletadas com referências pessoais e demais autores que falam sobre o assunto. Criando assim não somente um diálogo, mas uma trama de saberes.

Para a realização da pesquisa foram realizadas inicialmente investigações pessoais a respeito do meu próprio processo de formação enquanto artista. Desde os meus primeiros aprendizados na infância em ambientes familiares até hoje em dia dentro de um ambiente de educação formal.

Depois, foram feitas sondagens sobre o assunto com demais artistas com quem convivo no cotidiano que — assim como eu — trabalham com o meio. Esta ideia

desdobra-se a partir da finalidade de entender suas vivências e individualidades, percebendo similaridades e diferenças durante o processo de aprendizagem. A fim não de criar algum juízo de valor, mas de expandir percepções acerca do assunto.

As questões que orientaram fundamentalmente a pesquisa envolvem a maneira como as pessoas aprendem inicialmente sobre o fazer têxtil, quais são os ambientes de ensino da arte-têxtil, quem são as pessoas que ensinam e quem são as pessoas que aprendem, como comumente são os processos de aprendizagem e de que maneira o aprender/ensinar atravessa os trabalhos pessoais, dessa forma, buscando por resultados qualitativos. Assim percebendo as relações entre a educação com a prática manual, principalmente dentro de ambientes familiares, informais, técnicos e formais levando em consideração a singularidade, a percepção e as narrativas que surgem ao longo dessas tecituras.

[...] o que importa em uma investigação narrativa não é a fidelidade e/ou exatidão dos acontecimentos, mas entender porque escolhemos contar de determinada maneira, como tais registros escritos e poéticos contam sobre os nossos desejos e medos, e o que podemos criar a partir disso.¹⁰

¹⁰ BORRE, Luciana. *Bordando afetos na formação docente*. Conceição da Feira: Andarilha, 2020. p. 39.

3.1 EDUCAÇÃO ORAL

Para começar a introduzir as práticas de ensino que permeiam esse mundo das tecituras, acredito que seja justo começar pelo início — um início que é comum a mim e a grande maioria das pessoas que produzem arte-têxtil. Ou seja, começaremos falando da *educação oral*.

A educação oral nada mais é do que o modo de aprender e ensinar através da fala. Ela está presente no nosso cotidiano nos mais diversos lugares: dentro de casa, ambientes familiares, igrejas, grupos de estudo, projetos sociais, cursos livres e até mesmo dentro de escolas. A educação oral ocorre muitas vezes sem que percebamos a sua presença, já que está vinculada às mais simples interações sociais no dia a dia, por meio do diálogo ela acontece no simples momento de ouvir ou contar uma história, está presente também nas perguntas que fazemos uns aos outros, nos debates que temos com o próximo, nas relações de trabalho, nas interações no meio da rua, na vida que é vivida em coletividade.

E para além disso, a educação oral diz respeito aos saberes que nos fazem ser quem somos, já que ela é responsável pela transmissão dos conhecimentos que e

estão no mundo antes mesmo de entendermos o que é o mundo, ou seja: nos saberes ancestrais e culturais.

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral.¹¹

É através da educação oral que nos desenvolvemos enquanto seres sociais, por ela aprendemos não apenas a nos comunicar, mas a escutar com atenção, a respeitar o tempo e a dimensão da fala dos outros, a expressar aquilo que nos provoca, nos incomoda, nos entretém. Ela transmite algo que vai além de um simples aprendizado, nela moram todas as outras pessoas que no passado fizeram parte desse processo de transmissão. Nesse sentido, a educação oral não apenas transmite simples informações, mas sim toda uma narrativa sobre.

A linguagem assume assim uma potencialidade de organização de sentido que, posta em prática pelo próprio ou por um investigador, traz à superfície imagens, histórias que foram sendo cruciais ao longo de um percurso pessoal.¹²

¹¹ VANSINA, Jan. A tradição oral e sua metodologia. *História geral da África*, 2010. p. 139-140.

¹² GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. *Ciência & Educação (Bauru)*, 2005. p. 328.

No que diz respeito ao ensino oral na arte-têxtil, é comum que os primeiros passos neste mundo entre as entre as linhas sejam dados em meio a relações familiares. Minha própria experiência é um exemplo dessa relação, já que cresci em meio a costureiras, bordadeiras e crocheteiras. Mas não sou exceção nesse tema, já que a grande maioria das pessoas que hoje têm o fazer têxtil presente no cotidiano começaram assim desde a infância. Já ouvi relatos de pessoas dizendo inúmeras vezes que aprenderam seus primeiros pontos com suas mães, tias, avós e uma única vez ouvi alguém citar um pai. Não importa qual o tipo de técnica, seja a costura, o tricô, a tapeçaria etc, todas costumam surgir a partir dessas relações de ensino oral que são inicialmente feitas dentro desses locais familiares. A autora Ana Clara Caldeira relata em seu trabalho um exemplo acerca do crochê, mas que é válido para qualquer outro meio de tecer e elucida a importância dessa relação:

O fortalecimento e a manutenção dos vínculos familiares é outro ponto significativo, pois grande maioria de artistas crocheteiros aprenderam a arte em uma relação de ensino mãe-filho, seja em uma família de sangue ou em uma família onde o artista se encontra inserido. Dentro de uma família ou comunidade, o crochê tem a capacidade de mostrar a cultura de um povo, seus traços únicos, suas religiões e suas tradições.¹³

¹³ CALDEIRA, Ana Clara. *Um olhar para o crochê: do ambiente familiar ao ambiente arte educativo*, 2023. p. 20.

Esse fortalecimento que a autora fala só é possível graças a essa forma de transmissão oral, já que o fazer têxtil está intrinsecamente ligado às relações sociais do cotidiano. O aprendizado surge em meio a conversas sobre a vida, sobre a vizinha, sobre a rua, o mercado, sobre o tempo, comidas, sobre celebrações, casamentos, aniversários, sobre vivências, sobre risadas e piadas, tristezas e corações partidos, está também em meio a brigas e pedidos de desculpas, puxões de orelha e elogios, e em todas as formas de afeto que são transmitidas no diálogo em que *também* se transmite o fazer têxtil. São essas partilhas dentro da educação oral que não apenas ensinam técnicas, mas nos ensinam a ser humanos.

É interessante notar que quando partilhamos histórias de vida, narrando situações familiares ou de outros tempos [...] uma sensação de fortalecimento é gerada. A força de se ver no outro, de se enxergar em outras vivências, provoca e incentiva ações de transformação.¹⁴

Esses vínculos familiares costuram vidas umas às outras, unem comunidades, constroem laços, isto ao mesmo tempo em que criam algo palpável através das mais diversas técnicas. Há um relato no livro *O Casaco de Marx*, de Peter Stallybrass, que gostaria de trazer neste texto para terminar de ilustrar este tema.

¹⁴ BORRE, Luciana. *Bordando afetos na formação docente*. Conceição da Feira: Andarilha, 2020. p. 42.

Considero esse trecho muito honesto e acredito que represente bem justamente essas relações em que se constrói algo físico, real e genuíno no decorrer dos atravessamentos da vida:

Em 1850, Hannah Shaw escreve à sua irmã Margareth: “estive procurando algo para enviar-lhe, mas não pude achar nada que pudesse enviar em uma carta, a não ser uma sobra de tecido de meu novo vestido”. Outros pedaços de vestido são enviados de mãe para filha, de irmã para irmã: “aqui está um pedaço do riscado que Eulidia fez para mim, um pedaço de meu vestido de listra”; “um pedaço de minha boina enfeitada com uma fita de xadrez verde”; e “algumas sobras de meus vestidos novos, para fazer uma colcha de retalhos”. Hannah escreve para Margareth, dizendo que após sua avó ter morrido, sua filha Rebecca “irá agora reunir os pedaços dos vestidos de sua avó para fazer uma colcha”. Uma rede de roupas pode efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência, da morte, porque a roupa é capaz de carregar o corpo ausente, a memória, a genealogia, bem como o valor material literal.¹⁵

¹⁵ STALLYBRASS, Peter. *O casaco de Marx: roupa, memória, dor*. Autêntica Editora, 2007. p. 26.

3.2 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Outro lugar comum de se perceber o ensino da arte-têxtil empregado é dentro da educação não-formal. Para entendermos o seu significado, é necessário saber que a educação não-formal se difere tanto da educação informal, quanto da educação formal. De modo que a educação formal sistematiza o ensino em módulos seriados de aprendizado, é a maneira como costumamos enxergar as escolas e universidades, por exemplo. Já a educação informal está relacionada muito mais ao âmbito do ensino familiar, cultural, ancestral que inclusive faz parte da educação oral. E por fim, a educação não-formal, em todo seu aspecto, transita entre esses dois lugares, de modo que:

A educação não-formal não é um conceito pronto, a sua definição não está dada, ela está sendo criada, produzida e recriada. Nessa perspectiva, nós, atuantes no campo da educação não-formal – somos também criadores. Ao passo que a cada ação, a cada tentativa de compreensão do que pode ser esse fazer, estamos criando esse conceito e tráfegando no seu campo de imanência [...] ¹⁶

Hoje em dia, entende-se que a educação não-formal ainda está em processo de formação, contudo ela ocupa espaços que nem a educação informal nem a educação

formal conseguem chegar. De certo modo, ela transita entre essas duas partes, expandindo assim seus campos de possibilidades. A educação não-formal não necessariamente sistematiza o ensino — como no ensino formal —, porém ela também não é algo necessariamente espontâneo — como a educação informal —, afinal seu conteúdo tem função e intencionalidade.

Podemos ver recorrentemente atividades de ensino não-formal dentro de projetos sociais, igrejas, instituições culturais, órgãos municipais e afins. Essas atividades são regidas por educadores de diversos meios com o fim de transmitir conhecimento a comunidades. Conhecimentos estes que não necessariamente são falados em salas de aula comuns ou dentro do âmbito familiar.

A educação não-formal, por sua vez, são aquelas atividades com caráter de intencionalidade, porém com baixo grau de estruturação e sistematização, implicando certamente relações pedagógicas, mas não formalizadas. ¹⁷

¹⁶ GARCÍA, Valéria Aroeira. *A educação não-formal como acontecimento*. Diss. [sn], 2009. p. 11.

¹⁷ LIBÂNEO, Carlos José [2002] apud GARCIA, Valeria Aroeira. *A educação não-formal como acontecimento*. 2009. p. 69.

No que diz respeito ao ensino da arte-têxtil nesse sistema, recorrentemente encontramos aulas criadas nesse modelo, seja em formato de oficina, como forma de lazer ou até mesmo como um curso livre.

Gosto de citar o exemplo do Programa Escola da Família, criado em 2003 pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. O programa promove a abertura das escolas da rede estadual aos finais de semana para que a comunidade possa exercer atividades culturais, de lazer, esportivas etc, desenvolvendo assim a cultura de paz no ambiente escolar e em seu entorno.

Quando era criança frequentei por muitos anos o programa fazendo parte das oficinas de pintura em pano de prato, patchwork, macramê, crochê, ponto cruz entre outras que ocorriam na escola em frente à minha casa no interior. Ali entrei em contato com senhoras que quase religiosamente ocupavam aquele ambiente todos os finais de semana para ensinar umas às outras suas melhores técnicas. As oficinas não tinham uma organização linear, cada participante aprendia no seu tempo, os educadores atendiam todas as dúvidas uma por vez e sempre com muita atenção aos processos individuais. Os temas variavam conforme as idades, os interesses e os gêneros, e iam se costurando uns aos

outros, possibilitando o uso de inúmeras técnicas têxteis em um único projeto e assim fazendo nascer as mais variadas peças. As “aulas” eram frequentemente manejadas de forma horizontal, onde educadores ensinavam e também eram ensinados.

É claro que esse projeto é apenas um em meio a tantos outros que existem que eu nem sequer conheço. Tenho colegas que frequentaram oficinas semelhantes em suas infâncias que nem nome tinham, eles apenas as citam como “oficinas de bairro”, tendo propostas semelhantes, algumas vezes pagas com valor simbólico, outras vezes oferecidas dentro de igrejas. Existem até mesmo outros projetos mais estruturados promovidos em formato semelhante pelo SESC, Sesi, diversas instituições culturais, instituições particulares, etc. Todos estes com intenções de transmitir esses conhecimentos técnicos têxteis fora do que seria o ensino formal ou o ensino informal.

3.3 EDUCAÇÃO TÉCNICA

Nessa trama de aprendizagem que permeia o mundo têxtil em todos os seus sentidos, não podemos apenas nos ater aos primeiros laços. É preciso lembrar que na sociedade em que vivemos a indústria rege também os nossos passos, e que em dado momento a arte-têxtil passa a andar em conjunto com a indústria da moda.

O crescimento do setor a partir dos anos 1920, que se tornou maior ainda até os anos 1950, foi acompanhado de sua profissionalização e as tarefas desenvolvidas no interior das fábricas tornaram-se cada vez mais especializadas, requerendo informações tecnológicas, e investiu-se, ainda que timidamente, no desenvolvimento de produtos.¹⁸

Na década de 40 do século XX, Senai e Senac começam a ofertar cursos profissionalizantes, com aumento da demanda a partir do final dos anos 60, pois há a instalação diversas indústrias no Brasil, exigindo especialização maior da mão de obra que fosse mais “tecnicista”.¹⁹

De maneira que ao passo que a indústria da moda cresce, ela acaba também demandando mais funções dos setores têxteis. Assim, nós saímos de um mundo em que alfaiates e costureiras em seus pequenos ateliês bastavam para suprir a demanda do mercado e entramos num novo universo em que os mais diversos

¹⁸ NEIRA, Luz García. Design, educação, cultura: origens do projeto têxtil no Brasil. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 6, n. 1, 2013. p. 86.

¹⁹ DELGADO, Daniela. Configurações sobre a educação no setor de Moda. *IARA* v. 3, n. 3, 2010. p. 157.

tipos de profissionais precisam de uma formação específica para a produção das peças que irão ganhar seu lugar em vitrines físicas e virtuais em forma de roupas, utensílios, decorações etc. Logo, a arte-têxtil sai dos ambientes familiares e não-formais e agora adentra aos processos de formação técnica.

A educação técnica possui caráter direcionado ao mercado de trabalho, afinal na indústria têxtil existem procedimentos específicos que devem ser adotados para que essas tecituras se tornem de fato um produto comercializado em larga escala.

A principal característica dos Tecnológicos, ainda segundo o Ministério da Educação e Cultura, é a recolocação rápida de profissionais no mercado de trabalho, suprimindo uma carência detectada nos mais variados setores, muitas vezes equiparando esses cursos profissionalizantes aos técnicos.²⁰

Logo, o leque de possibilidades dos fazeres manuais não apenas cresce, como se especifica, e é aí que a educação técnica entra: para preencher as lacunas que a indústria cria. Por isso, atualmente são promovidos cursos profissionalizantes nos mais variados segmentos do ramo têxtil, como modelagem, costura industrial, tecelagem, estamparia, malharia, operação de maquinário, logística e diversos outros que nem sequer caberia a este trabalho catalogar.

²⁰ DELGADO, Daniela. Op. Cit. p. 156.

Entende-se o projeto têxtil como o processo de desenvolvimento de novos produtos que articula demandas e condições de produção, sendo considerado uma atividade de caráter científico/tecnológico e não apenas técnica/operacional. As práticas projetuais, por sua vez, respondem às questões objetivas e subjetivas que se instalam em uma sociedade e se adaptam, naturalmente ou forçosamente, às condições técnicas, econômicas e culturais existentes e criadas por ela.²⁰

Os cursos técnicos aqui se diferenciam das demais práticas de ensino vistas antes porque apresentam currículo estruturado, têm carga horária definida, aulas teóricas e práticas, exigem muitas vezes estágios supervisionados, ensinam sobre a segurança do trabalho, e além disso preparam a pessoa para o mercado de trabalho como um todo, permeando também um ensino ético.

É interessante ressaltar, ainda assim, que apesar da arte-têxtil aqui já estar empregada em um outro lugar — dessa vez mais “profissional”, mais estruturado, mais “desenvolvido” — ela ainda assim é um trabalho realizado por várias mãos, não deixando de ser uma representação do que é coletividade. Essa especificação das etapas do processo do fazer manual ilustra, na realidade, a produção de um simples trabalho requer uma enorme trama de conhecimentos.

²¹ NEIRA, Luz García. Design, educação, cultura: origens do projeto têxtil no Brasil. *Revista Brasileira de História da Ciência*, v. 6, n. 1, 2013. p. 82.

Se prestar atenção, poderá perceber o fio de vida que constitui os artefatos, a organização de tantas informações caras aos que tecem: fio por cima, fio por baixo, por cima, por baixo, primeiro esta cor, depois aquela... A ação e o resultado material refletem processos sensíveis que avivam a produção, estendendo os sentidos desse fazer à vida de cada um, e aos coletivos do qual tomam parte.²²

²² MARTINS, Alice Fátima. Tramas artísticas, práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas. *Coleção Desenredos*. FAV/UFG, 2013. p. 15.

3.4 EDUCAÇÃO FORMAL

E caminhando um pequeno passo à frente, podemos falar agora da educação formal, que na realidade é colocada aqui como a educação superior. Já que na realidade, quando falamos de educação propriamente formal, também falamos do ensino técnico, uma vez que a sua concepção na realidade diz respeito apenas à sistematização e organização dos moldes de ensino — que na educação técnica também ocorre, mas com intenções distintas das de nível superior.

Educação formal seria, pois, aquela estruturada, organizada, planejada intencionalmente, sistemática. Nesse sentido, a educação escolar convencional é tipicamente formal.²³

A aplicação da educação de nível superior dentro da arte-têxtil também se relaciona diretamente com a indústria, com a moda, com o design — da mesma maneira como funciona a educação técnica. Contudo, sua grade curricular oferece um panorama mais dinâmico e amplo sobre esse mercado, indo por um caminho que geralmente se difere do que seria um tecnólogo. Nos cursos de formação superior muitas vezes é empregado também o estudo social acerca da moda, dos costumes, dos negócios, da cultura, da

²³ GARCÍA, Valéria Aroeira. *A educação não-formal como acontecimento*. Diss. [sn], 2009. p. 11.

estética, da sustentabilidade e demais nichos que entrelaçam essa trama — que é o mundo têxtil — ao processo de formação humana. Indo para além da formação prática e pontual, expandindo-se para completude do que seria esse mercado.

Deste modo, a maioria dos cursos superiores mantêm em comum o ensino de metodologias para o desenvolvimento do vestuário, o estudo dos têxteis e a elaboração do design em sua grade curricular, podendo também abranger os processos produtivos e criativos, modelagem, gestão de negócios, marketing, além de outras referentes à cultura de Moda como História, Estética ou Comunicação. Portanto se entendermos que faz parte do cerne dos estudos da Moda a relação que há com o conhecimento dos têxteis, podemos considerar as Engenharias Têxteis e Tecnologias Têxteis como parte do universo de cursos que são propostos ao setor.²⁴

É importante ressaltar que os estudos de nível superior sobre a área têxtil e principalmente no que diz respeito ao mercado da moda ainda estão se formalizando no Brasil. Afinal, os cursos oferecidos pelas instituições ainda são muito recentes. Temos até mesmo como exemplo o primeiro curso em Moda do Brasil, que:

[...] segundo dados do reconhecimento do MEC, no ano de 1974 – já surge o primeiro curso da área de Moda da Faculdade Santa Marcelina, que é datado como tendo iniciado suas atividades a partir de 1987 por Maria Gabriela S.M.C. Marinho.²⁵

²⁴ DELGADO, Daniela. Configurações sobre a educação no setor de Moda. *IARA* v. 3, n. 3, 2010. p. 152.

²⁵ DELGADO, Daniela. Op. Cit. p. 161.

Ou seja, temos ainda muito o que “formalizar”, já que o campo da arte-têxtil é de tamanho imensurável, à medida que buscamos saber mais acerca do seu conteúdo, mais expandimos essa trama de saberes. A valorização de cada um dos detalhes dos processos manuais é o que torna o ensino formal sobre o assunto cada vez mais rico. Já que, nesse meio, estamos falando sim de tradições, ancestralidades e culturas, mas também falamos sobre tecnologia, inovação, ciência, política e muito mais.



Figura 4

4 ARREMATES conclusão

Existe um enorme caminho de aprendizados que levam as pessoas a se tornarem artistas-têxteis. As possibilidades de percursos não são linhas retas, muitas vezes na realidade são caminhos tortuosos, longos, cansativos, desafiadores. Mas não podemos deixar de dizer que existem maravilhas na estrada.

Todas as formas de transmissão de conhecimento e de atravessamentos até que nos tornemos artistas são válidas. Neste trabalho não tive a intenção de gerar juízo de valor, apenas afirmar algumas das infinitas possibilidades de realizar esse percurso — aqui realizei uma breve síntese, mostrando as partes do processo que eu pude experienciar nos meus anos de vida. E espero em um futuro breve poder conhecer novas maneiras de aprender que vão além do que hoje eu sei.

Ao realizar essa pesquisa deparei-me muitas vezes com relatos que empregavam valores maiores a formações formais e acadêmicas. É claro que o processo de formalização dos saberes abre oportunidades de entender a partir de novos olhares alguns aspectos da arte-têxtil, possibilitando perceber uma mesma técnica

sob novas maneiras de pensar, novas maneiras de criar, novas maneiras de estudar, de aprender, de se interessar.

Contudo, gostaria de enfatizar que ser artista é também sobre ser humano e todos os processos que nos formam enquanto seres pensantes, culturais, seres que amam, que vibram, que choram, que cantam, que vivem, que tecem. E esse processo só é possível por meio dos afetos, por meio da nossa ancestralidade, por meio das nossas origens. Por isso, a educação do modo oral, do modo familiar e até mesmo de modo não-formal é tão importante para a formação enquanto artista.

Aqui, gostaria de dizer que um processo não anula o outro, pelo contrário eles se completam muitas vezes. Acredito que enxergar a educação formal em arte-têxtil em toda sua abrangência acaba se tornando um modo de valorização dos saberes manuais e ancestrais, desde que seja reconhecida a sua origem, não se limitando a ser apenas técnica e padronizada, mas sim plural, diversa e ampla.

Sou grata por estar envolvida em todas as etapas desse processo e por poder repensar a minha história de

formação para a elaboração desse trabalho de conclusão de curso em uma licenciatura. E sou feliz em poder dizer que a partir desse trabalho costuro uma parte da minha história, e costuro a minha história naqueles que lêem este trabalho, nas pessoas que me ensinam o que hoje eu sei, nas pessoas que citei ao longo deste trabalho e naqueles para quem um dia eu poderei ensinar um pouco sobre o tema. Aqui deixo apenas mais um arremate de uma enorme trama que se chama vida.



Figura 5

REFERÊNCIAS

BORRE, Luciana. Bordando afetos na formação docente. **Conceição da Feira: Andarilha edições**, 2020.

BORRE, Luciana. Práticas e narrativas têxteis contemporâneas. **Tramações: a memória e o têxtil. Recife: Editora UFPE**, 2021.

CALDEIRA, Ana Clara. **Um olhar para o crochê: do ambiente familiar ao ambiente arte educativo**. 2023.

DA SILVA, Priscila; DOS SANTOS PORTELA, Pablo Luís. Macramê: arte decorativa que empreende sentimentos. **Anais do Seminário do Programa de Pós-Graduação em Desenho, Cultura e Interatividade**, v. 1, n. 1, 2021

DELGADO, Daniela. Configurações sobre a educação no setor de Moda. **IARA**, v. 3, n. 3, p. 147-169, 2010.

DE OLIVEIRA, Valeska Fortes. Educação, memória e histórias de vida: usos da história oral. **História oral**, v. 8, n. 1, 2005.

FREIRE, Ida Mara. Tecelãs da existência. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, n. 02, p. 565-584, 2014.

GALVÃO, Cecília. Narrativas em educação. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 11, p. 327-345, 2005.

GARCIA, Valéria Aroeira. A educação não-formal como acontecimento. 2009. Tese de Doutorado. [sn].

LOPES, Alcides Junio Silva et al. **Tecituras**. Editora Letramento, 2022.

MARTINS, Alice Fátima. Tramas artísticas, práticas artesanais e experiências estéticas contemporâneas. **Coleção Desenredos. FAV/UFG, FUNAPE**, 2013.

MELO NETO, João Cabral de. **A educação pela pedra**. Edição do Autor, 1966.

NEIRA, Luz García. Design, educação, cultura: origens do projeto têxtil no Brasil. **Revista Brasileira de História da Ciência**, v. 6, n. 1, p. 78-88, 2013.

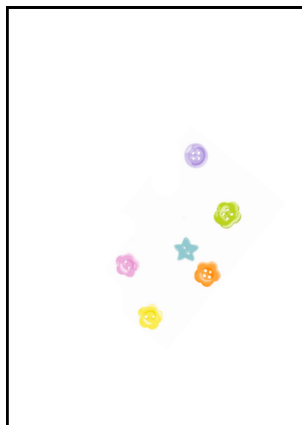
STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx: roupa, memória, dor**. Autêntica Editora, 2007.

VANSINA, Jan et al. A tradição oral e sua metodologia. **História geral da África**, v. 1, p. 157-179, 2010.

CRÉDITOS DE ILUSTRAÇÕES



Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Capa.



Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Folha de Rosto.

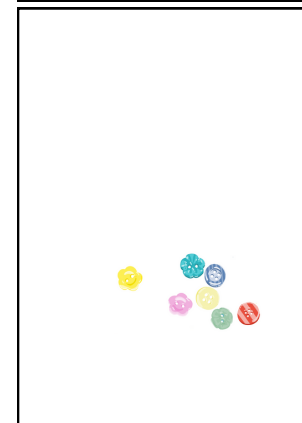
Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Dedicatória.



Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Agradecimentos.



Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Epígrafe.





Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Resumo.



Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Abstract.



Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Lista de ilustrações

Botões, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. Sumário.



Figura 1
Cestinha da Ana, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. p. 18.

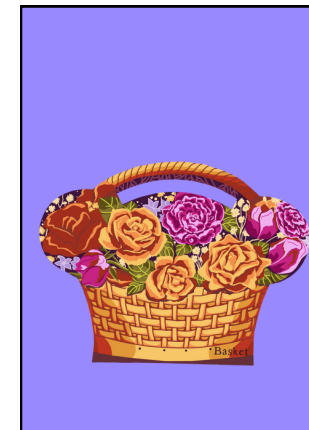


Figura 2
Minha Lata de Costura, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. p. 22.





Figura 3
Lata de Costura - Mãe, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. p. 34.

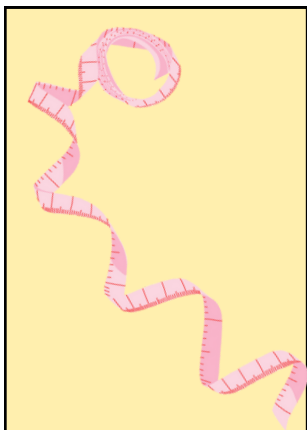


Figura 4
Fita Métrica, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. p. 56.



Figura 5
Tecelagem Parayba, 2025.
Ilustração Digital: Beatriz Souza.
Acervo Pessoal. p. 60.